

Mulheres Lésbicas e as Práticas Esportivas no Lazer: Uma Etnografia em uma Equipe LGBTQIAP+ de Porto Alegre¹

GT 064: Gêneros, sexualidades e corpos plurais: abordagens antropológicas de práticas esportivas

Bruna Tassiane dos S. Pontes

UFRGS²

Raquel da Silveira

UFRGS³

Palavras-chave: Lésbicas. Etnografia. Lazer.

Resumo

A reflexão de “lazer para quem?”, provoca uma análise que problematiza uma dinâmica de privilégio de quem dispõe de momentos de lazer, colocando em evidência as desigualdades existentes na nossa sociedade que tem valores capitalistas alinhados ao neoliberalismo e lesbofóbicos. Sendo assim, as vivências das mulheres lésbicas têm sido frequentemente invisibilizadas e marginalizadas. No contexto histórico, os esportes vêm sendo constituídos de normas, que se estabelecem através de diretrizes, que afastam as mulheres da prática esportiva, seja por questões biológicas, sexistas e machistas, como o questionamento da sua sexualidade. Nessa conjuntura o esporte parece não ser um lugar receptivo às diferenças. No entanto, uma nova possibilidade de vivenciar as práticas esportivas vem sendo produzida, que são as equipes identificadas como LGBTQIAP+, neste contexto as mulheres lésbicas passam a se inserir. Ao que parece, nestas equipes, a prática dos esportes vem sendo produzida de forma a ser um espaço de possibilidades, seja de vivenciar o esporte, de identificação, de segurança e de resistência. São nestas equipes que pudemos reconhecer as experiências esportivas das mulheres lésbicas no contexto do lazer, que é um direito constitucional. Sendo assim, este trabalho traz aspectos de uma pesquisa de mestrado acadêmico em andamento que discute a inserção das mulheres lésbicas em uma equipe LGBTQIAP+ no contexto do lazer. Conseqüentemente, este trabalho tem como objetivo trazer as primeiras aproximações “do campo”, com o objetivo de discutir as negociações e agências de mulheres lésbicas em uma

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Mestranda em Ciências do Movimento Humano, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS).

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS).

equipe LGBTQIAP+ de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, na constituição de um espaço de lazer. A partir do exposto, as aproximações estão ocorrendo em uma equipe LGBTQIAP+ que pratica handebol. Os encontros ocorrem uma vez por semana, com média de 1h30min. Os treinos são divididos em dois momentos, o primeiro dá conta de atividades de aquecimento e de aperfeiçoamento de técnicas inerentes ao esporte e o segundo momento é a prática do jogo propriamente dito. Para além dos momentos de desenvolvimento técnico e tático do handebol, esta equipe parece proporcionar um espaço de acolhimento, coletivo, político e um espaço de segurança. Este espaço que se constitui de segurança não é restrito à prática esportiva, mas também de trocas de experiências lesboafetivas, onde as mulheres se sentem seguras ao falar sobre seus relacionamentos. A partir dessas aproximações iniciais é possível vislumbrar novas possibilidades de lazer, que vão além da fruição e sociabilidade.

Introdução

Os esportes, historicamente, têm sido pensados por e para os homens. Neste cenário de desigualdades enfrentados pelas mulheres, podemos observar movimentos de exclusão dentro e fora dos campos e quadras. Exemplos como a exclusão das mulheres na primeira Olimpíada da Era Moderna em 1896, proibição liderada pelo Barrão de Coubertin. No Brasil, em 1941, houve limitação de praticas esportivas pelas mulheres. Essa lógica excludente se sustenta a partir de argumentos biológico, onde os corpos das mulheres eram vistos como frágeis, pressupondo uma feminilidade socialmente construída (Goellner, 2005). Exemplos mais contemporâneos podem ser observados no perfil dos gestores brasileiros, que são majoritariamente homens (Zanatta Et Al., 2018), ou somente nos jogos Olímpicos que ocorrerão na França, Paris, em 2024, pela primeira vez o número de mulheres e homens será igualitário (Maluly e Carvalho, 2023). Parafraseando Silveira e Stigger (2013):

Talvez seja possível afirmar que, ao contrário da importância que as práticas esportivas tiveram para com a constituição das masculinidades, a participação das mulheres nos esportes não se constituiu em elemento importante para a construção de uma feminilidade hegemônica (p.180).

A partir do que foi exposto, percebe-se que os campos e quadras foram receptivos aos homens, favoreceram a construção das suas masculinidades a partir de características tipicamente atribuídas aos mesmos, seja com a virilidade, corpos fortes, ou posicionamentos mais brutos. Para as mulheres, restou os estigmas relacionados aos estereótipos de masculinização, como a suspeita sobre a sua sexualidade, mas mesmo com essas adversidades, as mulheres permaneceram praticando esportes, mesmo que de maneira clandestina e lutando para conquistar equidade dentro das práticas esportivas.

Como podemos observar, as mulheres passaram por vários momentos de violência não física, mas de cerceamento dos seus direitos de se expressarem através dos esportes. De outra forma, também houveram avanços nos direitos quanto as práticas de lazer, que estão promulgadas na Constituição Federal, conforme o artigo 6º, caput, artigo 7º, IV, artigo 217, § 3º e artigo 227, enquanto um direito para todas as pessoas. Este marco vai além de um mero reconhecimento legal, trata-se de um avanço em busca de construir uma sociedade que seja inclusiva, garantindo acessos equitativos as possibilidades de vivenciar o lazer.

Conforme esse arranjo histórico, fatores de interseccionalidade⁴ como raça, classe social, sexo, gênero, sexualidade afetam a vivência esportivas de lazer. Portanto, uma questão

⁴ Interseccionalidade é um termo que considera vários marcadores sociais como, raça, classe, gênero, sexualidade, idade - entre outros – Se combinam e criam experiências que não são analisadas de forma isoladas,

central para se pensar o lazer é partir do tensionamento da questão “lazer para quem?”. Uma pessoa que vive na periferia terá diferentes acessos ao lazer em relação a uma pessoa que tenha uma fortuna. Ao passo que uma mulher (transgênero, cisgênero, lésbica, heterossexual... dentro da pluralidade de possibilidades de existência) evitará situações de lazer noturno por questões de segurança, em relação a um homem cisgênero e heterossexual. Neste contexto, a interseccionalidade entre gênero e sexualidade também desempenha um papel crucial na maneira como as pessoas fazem suas escolhas relacionadas ao lazer e às atividades de lazer (Barbosa, Liechty, Pedercini, 2013). Compreendendo o lazer como uma forma de empoderamento e resistência e muito além da simples diversão, entretenimento, ou forma de ocupar o tempo livre, é essencial compreender como as mulheres lésbicas percorrem e reconfiguram esses espaços de lazer para afirmar suas identidades e reivindicar seu direito ao lazer.

O termo “lésbica” originalmente foi utilizado para se referir aos moradores da Ilha de Lesbos, na Grécia, mas o que poucos sabem foi a existência da poetisa Safos, por volta do século VI e VII a.C. a qual dedicou poemas românticos a outras mulheres (Swain- Navarro, 2000.)

A história da construção do movimento lésbicas brasileiro se entrelaça com outros movimentos, desde o movimento feminista, quanto movimentos homossexuais mistos, passando a tensionar pautas como o rompimento com a heteronormatividade (Lessa, 2007; Soares; Costa, 2012). Apresentando esse aspecto de luta por direitos, este trabalho parte de um esforço acadêmico-político na reinvidicação do direito ao lazer por mulheres lésbicas. Sendo assim, passamos a desenvolver aspectos da pesquisa de mestrado acadêmico da primeira autora, em andamento, que vem sendo realizada no âmbito do curso de pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, na UFRGS, do qual discute a inserção das mulheres lésbicas em uma equipe LGBTQIAP+⁵ no contexto do lazer, através de um olhar etnográfico.

Entrada em Quadra: Quando “Eu” me torno a “Outra”

A entrada em “campo” se dá muito antes do fato de estar em meio as pessoas que ajudarão a construir a pesquisa, comigo não iria ser diferente⁶. Minha pesquisa se inicia com

esses marcadores interagem e sobrepõe influenciando as experiencias humanas de forma complexa (Kimberlé Crenshaw, 1989).

⁵ A sigla LBTQIAP+ se refere a lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, queer, intersexos, assexuais e pansexuais e as demais identidades que rompem com a heteronormatividade e padrões cisgêneros.

⁶ Quando utilizamos a primeira pessoa do singular é a primeira autora do texto que assume a ‘fala’.

um contato inicial com uma equipe identificada com LGBTQIAP+, de Porto Alegre. Segundo Tesser e Kovaleski (2023), o Rio Grande do Sul possui 13 equipes com essa identificação, Porto Alegre, a capital, a que possui o maior número de equipes 6 no total, entre elas o Gaúchas. Equipe que inicio contato via *Instagram* e que logo avança para uma conversa no *WhatsApp* com uma das coordenadoras da equipe.

Por ter feito parte do circuito de equipes LGBTQIAP+ de Porto Alegre em 2017, já tinha conhecimento da equipe, que era descrita como muito organizada e com várias modalidades, entre elas, vôlei, futsal e handebol.

A partir dessa conversa inicial, outras se sucederam. Para mostrar minha confiabilidade e o teor científico da minha pesquisa, aciono algumas estratégias, como enviar a apresentação do meu projeto de pesquisa para ser apresentado para a equipe de coordenação e me colocar à disposição para uma reunião formal. Quando recebo o retorno da minha 1ª interlocutora, ela já aciona algumas coisas, como a equipe só estar desenvolvendo a modalidade do handebol e a equipe ser formada por mulheres diversas, que não apenas das lésbicas e bissexuais.

Me deparar com a heterogeneidade do grupo foi o meu primeiro impacto, produzir etnografia tem dessas. Naquele instante estive diante do que Magnani (2003) denomina de “tentação da aldeia”, que seria aplicar nesse local extremante heterogêneo, um conceito fechado, uma unidade homogênea, partindo de uma ideal (todas mulheres lésbicas), onde seria fácil produzir uma etnografia, uma boa etnografia. Sendo que a vida urbana é complexa e permeada de redes e conexões diversas.

Esse impacto foi o primeiro de muitos, e a partir disto questões latentes como, “onde estão as lésbicas dessa equipe?” me rondaram por muitos encontros. Que só foram sanadas após leituras e principalmente diálogos com a professora orientadora⁷ e colegas.

Passar a ir aos jogos foi o que se sucedeu, nos primeiros encontros com o grupo ficava sentada no banco apenas observando as ‘meninas’⁸ jogando. É comum no início dos jogos ocorrer uma apresentação rápida, onde as ‘meninas’ dizem o nome e posição.

Minha primeira observação. Ainda não sei bem o que observar ou quem. No início as meninas fazem um círculo no centro da quadra a B. tem a palavra... fala sobre os próximos jogos que serão na orla e **novos** espaços que serão vistos posteriormente. Ela faz um discurso sobre inclusão e o Gaúchas. Me pergunto se esse discurso de **inclusão sempre aparece nas rodas iniciais** ou se foi feito devido minha presença. Sou apresentada pela B. enquanto pesquisadora da UFRGS. Uma por uma se apresenta e diz a posição, no meu momento quis dizer que eu seria pivô se estivesse jogando, todas riem, e me apresento como pesquisadora (Diário de Campo, 15/01/2024 - Clube Caixeiros Viajantes)

⁷ Segunda autora deste trabalho.

⁸ Forma com que o grupo se denomina. De fato o grupo é formada por mulheres entre 19 e 38 anos.

Esse é o primeiro trecho do meu primeiro diário de campo. Estava muito ansiosa em produzir bons diários de campo, mas ainda não sabia o que ou quem olhar e também não sabia a minha posição naquela equipe, eu seria pesquisadora, ou pivô? Nesse processo etnográfico percebo que eu produziria a minha etnografia, e ela seria única e eu seria capaz de produzir elementos para compreender as mulheres lésbicas em seus tempos de lazer.

Como parte do processo etnográfico, a entrada em campo foi aprofundada, quando passo a não somente ficar sentada no banco, mas participando dos jogos e acompanhando o grupo nos encontros fora das quadras. Aderir a observação participante proporcionou uma maior proximidade ao grupo, e em alguma medida uma identificação, o que permite uma maior compreensão da realidade.

Posto isto, minha primeira entrada em quadra foi anunciada para a equipe no encontro do dia 22/01/2024. Fiquei apreensiva com aquela possibilidade de jogar, pois nunca tinha sido boa jogadora de handebol, mas sempre soube que tinha destreza com os esportes em geral, pois na infância havia jogado futsal. Esse encontro foi emblemático ao passo que encontro uma colega e registramos o encontro em uma foto. A foto demonstra a semiótica do momento, ao que eu estou sentada no banco e ao fundo, separadas pelas telas da quadra o jogo acontece dentro de quadra. A barreira do “eu” e as “outras” parecia ter se materializado.

Ao final do jogo acompanho as meninas até uma ida ao bar, onde as meninas novas da equipe e eu, passamos por um “ritual” de entrada.

Em razão da ênfase na perspectiva etnográfica é preciso salientar que não compete aos antropólogos definir o que são rituais. “Rituais”, “eventos especiais”, “eventos comunicativos” ou “eventos críticos” são demarcados em termos etnográficos e sua definição só pode ser relativa — nunca absoluta ou *a priori*; ao pesquisador cabe apenas a sensibilidade de detectar o que são, e quais são, os eventos especiais para os nativos (sejam “nativos” políticos, o cidadão comum, até cientistas sociais). (Peirano, p.8, 2001).

Quando chegamos ao bar, compramos cervejas e algumas meninas pegam um lanche. Então, nos organizamos em roda e a palavra é passada para M., que faz uma introdução do que se passará. A partir disto são feitas perguntas pessoais, como nome, profissão, signo, sexualidade e coisas assim.

No encontro subsequente entrei em quadra e havia uma expectativa para que eu pudesse de fato jogar com a equipe. No decorrer do processo passei a me apresentar como “Bruna e pivô”. Quando estou em quadra sinto que deslizo entre jogadora e pesquisadora.

Fui com a roupa adequada pra jogar e cheguei uns minutinhos antes das 21h. Já encontro duas meninas nas escadas da orla. Me aproximo e uma das primeiras coisas que escuto é “ah veio preparada” e a partir disso iniciamos uma conversa amistosa. Mais próximo das 21h as meninas vão chegando. Há uma expectativa para o número de mulheres que vão ao treino, visto que no treino anterior foram 29 mulheres. (Diário de Campo, 29/01/2024 – Quadra da Orla).

Por vezes meus diários de campo iniciaram com “hoje eu não vi nada...”. Nesses momentos sinto que o mais importante era jogar e jogar bem, aprender mais sobre minha posição... de pivô. Talvez esse seja o processo, me tornar as “outras”, me ajuda a me tornar “eu”, um “eu” composto de não uma coisa apenas, mas de uma pesquisadora-jogadora e vice-versa.

Handebol LGBTIAP+

Como é jogar handebol LGBTIAP+? Essa pergunta não faz sentido neste contexto, pois a sexualidade não é inerente a prática, ou seja, não há nenhuma regra diferente praticada por essas mulheres, do que qualquer outro grupo de mulheres que pratique handebol, assim como Camargo (2021), descreve que não há um “futebol gay” não há um “handebol lésbico”.

No Brasil, o contexto legislativo inicial contribuiu para padrões que seguem até hoje. Contudo, o que passo a denominar “energia de mulher”, vem estabelecendo novas apropriações e significados aos espaços de lazer, onde estas passam a se organizar, estar à frente de debates, construir e reivindicar coletivamente espaços de lazer. Através deste olhar crítico do lazer é possível compreender que as mulheres estão empenhadas na luta por suas identidades. Esse percurso etnográfico que está em andamento, vem revelando as trajetórias dessas mulheres lésbicas no contexto do lazer, que não está deslocada da sua vida pessoal. Onde essas mulheres constroem juntas, um espaço de acolhimento e de integração através do esporte.

Obviamente a sexualidade atravessa esse grupo e parece ser um ponto em comum para a associação entre essas mulheres, mas outras questões são latentes. Nesse grupo não há uma ação de jogo seguida de gritos de afirmação, ou coisas do gênero. O esporte é praticado de forma, até certo ponto, educativa e recreativa.

Por fim, os apontamentos iniciais dão conta que essas mulheres, dentro das suas possibilidades, já fazem uma luta por equidade e direito a existência pelo/ e através do lazer, e embora enfrentem barreiras fora das quadras, ao que parece esta equipe tem se proposto a servir de espaço para a existência e prática esportiva de lazer.

Referências

BARBOSA, Carla; LIECHTY, Toni; PEDERCINI, Raquel. Restrições ao lazer feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres homossexuais. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 2, 2013.

BARROS MALULY, L. V.; CARVALHO, T. M. Pensando as mulheres no esporte olímpico e na cobertura esportiva brasileira com Katia Rubio. **Revista Brasileira de Estudos da Mídia**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2024.

BORRILLO, Daniel. A Homofobia. In: **Homofobia & educação: um desafio ao silêncio**. 2009. p.15-46.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. **Revista estudos feministas**, v. 29, n. 2, p. e79423, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Desmarginalizando a intersecção entre raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina da antidiscriminação, da teoria feminista e da política antirracista Tradução: Latif, Larissa In: Baptista, Maria Manuel; de Castro, Fernanda (ORG.), **Gênero e Performance: Textos Essenciais 2**. 1. ed. Coimbra: Gracio Editor, 2019, p. 53-94.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

LESSA, P. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo social**, v. 15, p. 81-95, 2003.p.38-50.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, p. 377-391, 2014.

PEIRANO, Mariza. O dito e o feito. **Rio de Janeiro: Relume-Dumará**, 2001.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, p. 179-194, 2013.

SOARES, Gilberta Santos; COSTA, Jussara Carneiro. Movimento lésbico e Movimento feminista no Brasil: recuperando encontros e desencontros. **Labrys-Estudos Feministas**, v. 20, p. 21, 2012.

SWAIN- NAVARRO-, Tania. O que é lesbianismo? São Paulo: Brasiliense, 2000.

TESSER, Zeno Carlos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Caracterização das equipes esportivas LGBT no Brasil: um mapeamento feito a partir de redes sociais on-line. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33086, 2023.

ZANATTA, T. C.; FREITAS, D. M. de; CARELLI, F. G.; COSTA, I. T. da. O perfil do gestor esportivo brasileiro: revisão sistemática da literatura. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 291–304, 2018.